

Max Weber, a ciência, a educação e a profissão. Cem anos depois, os mesmos problemas e os desafios para o futuro

Maria Manuel Serrano

Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia
CICS.NOVA.UÉvora, SOCIUS-CSG/ISEG e UMPP
(mariaserrano@uevora.pt)

Paulo Neto

Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais, Departamento de Economia
CICS.NOVA.UÉvora, CEFAGE-UÉ e UMPP
(neto@uevora.pt)

Resumo

A leitura livre do texto de Max Weber, “A Ciência como Vocação”, de 1917, conduz-nos naturalmente ao reconhecimento de aspetos que, ainda hoje em dia, caracterizam o sistema universitário português. Os fatores (extrínsecos e intrínsecos à ciência) que Max Weber identifica para caracterizar as condições em que ocorre o exercício da “ciência como vocação”, bem como os condicionalismos institucionais que a moldam, soam, passados 100 anos, familiares.

Assim, a viagem ao passado, para visitar o pensamento de Max Weber, devolve-nos inevitavelmente ao presente, tal é a actualidade, pertinência e acutilância da sua análise sobre o exercício da profissão docente.

Para a elaboração deste capítulo, o texto de Max Weber é revisitado à luz da realidade atual e guia-nos na identificação e reconhecimento dos factos que hoje enformam a ciência, a profissão docente e os desafios que os jovens licenciados enfrentam, também eles - tal como os estudantes da plateia de Max Weber - em busca de orientação profissional, num meio ambiente ainda mais incerto e mais instável.

Introdução

A leitura livre do texto de Max Weber, “A Ciência como Vocação”, de 1917, conduz-nos naturalmente ao reconhecimento de aspetos que, ainda hoje em dia, caracterizam o sistema universitário português. Os fatores (extrínsecos e intrínsecos à ciência) que Max Weber identifica para caracterizar as condições em que ocorre o exercício da “ciência como vocação”, bem como os condicionalismos institucionais que a moldam, soam, passados 100 anos, familiares.

Assim, a viagem ao passado, para visitar o pensamento de Max Weber, devolve-nos inevitavelmente ao presente, tal é a actualidade, pertinência e acutilância da sua análise sobre o exercício da profissão docente.

Para a elaboração deste capítulo, o texto de Max Weber é revisitado à luz da realidade atual e guia-nos na identificação e reconhecimento dos factos que hoje enformam a ciência, a profissão docente e os desafios que os jovens licenciados enfrentam, também eles - tal como os estudantes da plateia de Max Weber - em busca de orientação profissional, num meio ambiente ainda mais incerto e mais instável.

O texto estrutura-se em quatro pontos, cuja leitura deve fazer-se de modo articulado e complementar. No ponto *1. 100 anos depois os “mesmos” problemas?* procura-se fazer uma leitura dos factores extrínsecos e intrínsecos ao exercício da ciência como vocação, identificados por Weber, com o intuito de verificar a existência de correspondência com a situação atual. De seguida, no ponto *2. Profissão docente, papéis e status social*, exploram-se, ainda que de modo superficial, os resultados de um inquérito aplicado em 35 países, que tem como objetivo conhecer as representações sociais dos alunos e das famílias sobre o respeito pelos professores, a sua posição social e o prestígio social (*status*) que detêm. A partir de outras fontes, discute-se como se conjuga o papel do professor como elemento chave para uma educação de qualidade na sociedade, com o facto dos cursos que permitem o acesso à profissão docente, serem procurados por estudantes com baixas classificações e cada vez menos procurados. No ponto *3. A política, as políticas públicas e o papel das profissões da ciência* reflete-se sobre a independência da Ciência relativamente à política, sem deixar de constatar que os conhecimentos científicos são cada vez mais mobilizados nos processos de concepção, avaliação e monitorização das políticas públicas. Por fim, no ponto *4. A tecnologia e a reinvenção da vocação e das profissões da ciência*, apresentam-se evidências sobre a invasão tecnológica do

espaço e do papel do professor, bem como dos tradicionais métodos de ensino e aprendizagem.

Por fim, uma advertência impõe-se. Considerando que os autores são parte integrante do sistema em análise (são docentes e investigadores universitários há quase 3 décadas) é possível que as suas representações sociais sobre os temas abordados se façam notar em algumas partes do texto. Porém, tratando-se de um texto construído a partir da leitura livre do texto de Max Weber, e não de um artigo científico, as questões da neutralidade e objetividade ficam salvaguardadas. Ficam ainda salvaguardadas com o recurso que os autores fazem a estudos empíricos e a dados estatísticos, que contribuem para a elaboração de um retrato da realidade mais objetivo.

1. 100 anos depois os “mesmos” problemas

Passou um século sobre a conferência “A Ciência como Vocação”, proferida por Max Weber, em 1917, e dirigida a estudantes universitários, em busca de orientação sobre questões profissionais. Apesar da mudança social, que inevitavelmente ocorreu na sociedade e nas instituições sociais desde há um século (e.g. nas esferas económica, educacional, política, religiosa, profissional, etc.), o discurso de Weber revela-se, ainda hoje, de uma lucidez, pertinência, acutilância e atualidade indiscutíveis.

A mensagem de Weber desvenda as fragilidades e as vicissitudes a que estavam sujeitos aqueles que abraçavam “a ciência como vocação” e é intencional no alerta que dirige aos jovens que equacionam fazer da ciência a sua profissão.

No diagnóstico¹ que Weber elabora sobre o contexto universitário e sobre as condições de exercício da profissão docente há 100 anos atrás, percebem-se várias semelhanças com a situação que atualmente se vive na instituição universitária, no espaço europeu em geral e em Portugal em particular.

As “condições exteriores da profissão académica” identificadas por Weber atestam a sua convicção sobre o “acaso incontornável” que é a vida académica e os “danos interiores” que podem afectar quem abraça a “ciência como vocação” (1917: 7).

¹ Max Weber faz uma análise comparativa entre a Europa, mais especificamente a Alemanha, e os Estados Unidos da América. Neste âmbito, evidência as vantagens do sistema norte americano, relativamente ao sistema europeu, no que concerne às condições de exercício da “ciência como vocação”.